

A DISCIPLINA GINÁSTICA RÍTMICA NA FORMAÇÃO INICIAL: DAS LEMBRANÇAS AVALIADAS ÀS ESPERANÇAS AVALIZADAS

Carmen Lilia da Cunha Faro
Emerson Araújo de Campos

RESUMO

Este artigo apresenta a disciplina Ginástica Rítmica e sua articulação com o ensino, pesquisa e extensão no curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado do Pará. Obteve-se, como resultados, a construção de um Seminário Interativo Universidade Escola, de artigos científicos e do diálogo entre universidade e escola, contribuindo com saberes críticos e reflexivos necessários ao ensino-aprendizagem às práticas de formação, continuada e inicial.

Palavras-chave: Ginástica Rítmica. Formação. Universidade

ABSTRACT

This article presents the discipline Rhythmic Gymnastics and its relationship to education, research and extension in the course of Full Degree in Physical Education from the University of the State of Pará obtained, as results, the construction of an Interactive Seminar University School of articles scientific and dialogue between university and school, helping with critical and reflective skills necessary for teaching and learning practices for training, initial and continuing.

Key words: Rhythmic Gymnastics. Training. University

RESUMEN

Este artículo presenta la disciplina de Gimnasia Rítmica y su relación con la educación, la investigación y la extensión en el curso completo de Licenciatura en Educación Física de la Universidad del Estado de Pará obtenidos, como los resultados, la construcción de una Escuela Universitaria Seminario Interactivo de los artículos científica y el diálogo entre la universidad y la escuela, ayudando con crítica y reflexiva con las competencias necesarias para la enseñanza y el aprendizaje de prácticas de formación, inicial y continua.

Palabras clave: Gimnasia Rítmica. Entrenamiento. Universidad

INDICANDO OS RUMOS

ensinar não é transferir conhecimento e, passo a passo,
vai fazendo o educador e educadora compreenderem
que ensinar exige a consciência do inacabamento,
o reconhecimento de ser condicionado,
o respeito à autonomia do ser do educando, bom senso,
humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos
dos educadores e das educadoras, apreensão da realidade,
alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, curiosidade
(Paulo Freire, 1996)

O propósito desse estudo é apresentar a experiência na formação inicial em Educação Física do curso de Licenciatura Plena da Universidade do Estado do Pará (UEPA), através da disciplina Ginástica Rítmica¹ (GR). Ao trabalhar com a GR, como disciplina eletiva, se questionou por que desde a implantação do Projeto Político Pedagógico em 1999 do Curso de Educação Física (CEDF/UEPA) a disciplina não foi requerida pelos discentes? O grande desafio foi romper com algumas das hipóteses suscitadas pela turma, como: “a disciplina sempre é ofertada junto com o futebol”, que tem maioria das escolhas, ou ainda, “os rapazes não fazem, por que é só para mulheres”, além de algumas falas, apontadas no sentido da disciplina requerer “espaços e materiais especiais, assim como biótipos exigidos”. “As experiências com a ginástica adquiridas na escola, na universidade e em parte também no clube correspondem muito ao quadro que é feito da ginástica pelos meios de comunicação de massa”. (TAFFAREL *et al*, *online* http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/ acessado em 11 de abril de 2009).

Outro desafio foi construir coletivamente o programa da disciplina com metodologias inovadoras que viessem ao encontro de uma formação com sentidos e significados no ensino-aprendizagem, isto é, que associassem o que estavam construindo na universidade com a escola pública, proporcionando aos discentes condições de desenvolver uma reflexão crítica sobre sua realidade e conjuntura social, com domínio pedagógico dos elementos teórico-metodológicos da GR. Como ponto de partida, propôs-se a apropriação dos conhecimentos construídos na universidade e utilizá-los a favor do processo ensino-aprendizagem na formação inicial e na escola pública.

A partir desse debate buscamos a relevância da GR para a formação profissional dos acadêmicos de Educação Física, apontando para o seguinte rumo: Qual o sentido e o significado da GR para a formação inicial em Educação Física?

A formação profissional vem assumindo um papel importante na sociedade, no sentido de garantir acesso à produção do conhecimento. Assim, a urgência de uma formação de qualidade é reconhecida por todas as áreas, numa busca da autonomia para a produção dos saberes científicos, técnicos, políticos, pedagógicos, filosóficos e metodológicos. Por outro lado, Zeichner (*apud* RINALDI e PAOLIELLO, 2008, p. 228) afirma que ainda hoje “os professores que estão sendo formados não estão sendo preparados para ir às escolas e serem bem-sucedidos”. A formação profissional, bem como a de professores de Educação Física, não têm apresentado os resultados esperados em Universidades e inclusive no CEDF/UEPA. Essa realidade é apontada a todo o momento nos diversos debates em sala de aula, e é também percebida na prática dos discentes.

De acordo com os trabalhos de Medeiros (2002) a Educação Física é uma “área problema”, no que diz respeito aos elementos teórico-metodológicos. As dimensões históricas e culturais indicam um pragmatismo tecnicista em seus saberes e seus valores. É necessário buscas compromissadas política e ideologicamente por práticas superadoras no contexto escolar.

Faz-se necessário que tenhamos a oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas que possam inovar o nosso acervo cultural sobre a formação do profissional de Educação Física. Sobre este assunto Oliveira (1997) ressalta que um dos

¹ Ginástica Rítmica, disciplina eletiva no projeto político pedagógico de 1999-2008, com carga horária de 90h.

obstáculos para que novas formas de abordagens dos conteúdos, dentro da escola, possam ser colocadas em prática, se dá pela falta de formação dos professores no enfrentamento de novas estratégias metodológicas no ensino da Educação Física, uma vez que esta disciplina vem sendo tratada na escola com sentidos e significados que a reduzem à prática da bola, da queimada, do esporte e da corrida. A grande preocupação, portanto, é compreendê-la pedagogicamente para transformá-la.

O entendimento da ginástica enquanto conhecimento da Educação Física, a partir de suas várias necessidades e possibilidades de manifestações, levou-nos ao questionamento: Será que os acadêmicos de Educação Física do CEDF/UEPA identificam sua relevância para a formação inicial? Ou ainda, será que os acadêmicos identificam a ginástica, e mais especificamente a GR, como conhecimento relevante da Educação Física?

Nessa perspectiva, compreendemos a GR como uma prática pedagógica de conhecimento significativo à formação profissional em Educação Física e, assim, propusemo-nos a discuti-la, a partir das necessidades e possibilidades expressas na universidade e na escola.

Vários estudos, em especial os de Barbosa (1999) e Nunomura (2001), expõem que apesar das disciplinas gímnicas fazerem parte dos cursos de formação profissional em Educação Física, os currículos parecem não ter acompanhado a dinâmica de construção histórica do universo de conhecimento da área. Rinald e Paoliello (2008, p. 228) afirmam que “os cursos de educação física parecem não estar possibilitando aos acadêmicos que conheçam e reflitam sobre a amplitude dos campos de atuação da ginástica, e o conhecimento que tem sido disponibilizado não é mais do que aquilo estabelecido socialmente e divulgado pela mídia”.

Diante do exposto é que se configurou a disciplina GR no fomento ao ensino, pesquisa e extensão, construída a cada aula, agregando a história, a memória, a análise e a reflexão sobre as necessidades e possibilidades de sua atuação pedagógica na escola. Sobre a construção da disciplina GR, ao longo das aulas, é que vamos detalhar a seguir.

ORIENTANDO OS PASSOS

que conteúdos ensinar, a favor de que ensiná-los,
a favor de quem, contra quem, contra que.
Quem escolhe os conteúdos e como são ensinados.
Que é ensinar? Que é aprender?
Como se dão as relações entre o ensinar e aprender?
(Paulo Freire, 1992)

Ao nos propormos vivenciar a disciplina GR, fizemos com o intuito de suscitar conhecimentos sobre um dos conteúdos da Educação Física negado e que agoniza na escola². Existia uma expectativa do que iríamos vivenciar na GR, até por que o que conhecíamos dela era o que a mídia colocava. Como não trabalhar na escola a partir

² Kuenzer (1998) *apud* Almeida (2005) apresenta que a escola agoniza, e como consequência o conteúdo específico também agoniza, por que os conteúdos são negados, excluídos, ocultados e silenciados no interior da escola.

desse conhecimento imposto pela mídia, do fitness e da competição? O que seria proposto na disciplina para que superássemos essa realidade? O que ensinar e aprender? Almeida constata essa realidade afirmando que:

O conhecimento acerca da ginástica não está mais presente na escola pública, enquanto conhecimento alicerçado em uma consistente base teórica, mas como uma modalidade esportiva para poucos, ou então, diluída em atividades difusas para preparação esportiva. (2005, p. 16)

A professora Carmen Lilia³ apresentou o plano de ensino com a proposta do que temos: história da GR, das suas primeiras sistematizações até a prática em Belém-PA, como é desenvolvida em competições e em sala de aula, quais são os aparelhos utilizados, a prática com mãos livres e aparelhos e, a partir daí, foram instigadas discussões para que se possibilitasse uma prática docente comprometida com o que queremos: uma prática pedagógica crítico-reflexiva com produção científica, pautada em argumentos científicos, pedagógicos e técnicos. Como desafio foi proposto que houvesse uma relação entre universidade e escola, com produção de artigos acadêmicos, seminário e festival de ginástica.

A metodologia da disciplina seguiu numa relação dialética, de apropriação e reconstrução dos conhecimentos em torno da GR, em diversas experiências vividas na universidade. Essas experiências eram direcionadas à escola, primeiramente para os professores com debates sobre a ginástica e suas implicações, dificuldades e possibilidades no contexto da escola. Após esse momento começamos a selecionar, organizar e sistematizar as temáticas das oficinas para os professores e alunos da escola pública.

Estabelecemos um diálogo da universidade com a escola. O contato com a direção da escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Palmira Gabriel⁴ foi feito numa aproximação entre a professora Carmen Lilia e a diretora da escola. Tivemos uma reunião para apresentar a proposta da disciplina naquele espaço. A direção mostrou-se interessada e organizamos uma oficina com os professores de Educação Física, 06 no total, na perspectiva de discutir a GR no contexto escolar.

Construímos um plano de ensino fazendo a ruptura de explicar a ginástica não só como a capacidade de se mover, ou seja, de ações motoras explicadas em si mesmas, mas como atividades corporais produzidas a partir da prática social humana e de expressão de cultura. Até porque não basta só mudar o profissional, é preciso mudar, também, o conteúdo e a forma em que ele intervém. Na escola não há mudança sem o empenhamento dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham (NÓVOA, 1997). Tecemos articulações com o plano de ensino, o Seminário Interativo Universidade Escola.

COMEÇANDO A CAMINHAR...

³ Docente das disciplinas, Fundamentos e Métodos da Ginástica, Ginástica Rítmica e Fundamentos Históricos da Educação Física, do Esporte e Lazer no CEDF/UEPA. Uma das pioneiras da GR em Belém-PA, com vários prêmios no âmbito nacional em competições esportivas. Sistematizou a História da GR na dissertação de Mestrado da cidade de Belém-PA: “As várias faces da memória da ginástica moderna e rítmica desportiva: narrativa dos corpos em sua motricidade” 2004.

⁴ Escola localizada na periferia de Belém-PA e que tem cerca de 1000 alunos.

... ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhado,
sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa
do qual a gente se pôs a caminhar
(Paulo Freire, 1992)

A universidade vai à escola

A universidade vai à escola para instigar política de formação continuada e para a construção do seminário, por entender que a universidade tem uma responsabilidade social a cumprir junto a escola no que diz respeito à compreensão do conhecimento, às perspectivas de avanço em diferentes áreas, bem como na formação de profissionais que atuam no contexto escolar. A aproximação da universidade escola permite que a primeira se aproprie de um conhecimento da realidade que a fará repensar o seu ensino e a sua pesquisa (FREIRE, 2000).

Como criar uma ambiente em que a Universidade e professores de Educação Física da escola pública possam suscitar possibilidades de embates sobre a história e memória da ginástica através de argumentos científicos, pedagógicos e técnicos, para a inclusão da ginástica na escola a partir do estudo da realidade para poder avançar? Como reunir 170 professores? Afinal, eram somente 8 acadêmicos e uma professora. E como trazer para Belém professores com possibilidades de discussões sobre a ginástica compreendendo seu desenvolvimento social, superando a dicotomia das abordagens tecnicista, biologicista e competitivista, fazendo uma ruptura com o individualismo para uma prática coletiva?

Ao propor o diálogo entre universidade e escola pensamos em trocas de experiências que reunissem a formação continuada para os professores, no debate da GR na escola e na formação inicial. Com isso, organizou-se o Seminário Interativo Universidade Escola, que teve como objetivos fomentar discussões sobre a ginástica considerando a interação universidade escola, e assim promover um diálogo entre docentes e discentes; estimular o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a GR na formação inicial e na escola pública; discutir sobre a temática ginástica na escola, e refletir sobre sua história, memória, necessidades e possibilidades na formação inicial e na escola; e ressignificar o conhecimento ginástica com ênfase na cultura corporal, lúdica e esportiva.

Realizamos uma oficina com os professores da escola, apresentamos a GR desde sua história, passando pelo esporte de rendimento, até algumas sistematizações desse conteúdo da Educação Física na escola. Todos os professores mostraram-se bastante motivados, relatando inclusive a ausência da ginástica na escola, e falta de formação continuada. Avaliaram de modo significativo nossa intervenção e se dispuseram a construir conosco as intervenções na escola.

Desde então, o trabalho não parou. Entre uma aula e outra separávamos um tempo para elaboração de folderes, cartazes, convites e reuniões para planejamento das atividades.

Como previsto e confirmado, através da parceria com a Secretaria de Estado de Educação, todas as atividades propostas pelo projeto foram ofertadas gratuitamente para

os professores da rede estadual de ensino, para os alunos da graduação em Educação Física da UEPA, para alunos da rede pública e população interessada.

Nas aulas com os alunos da escola dialogamos sobre o conceito de Ginástica e eles expressaram uma série de conhecimentos como: “Ginástica é exercícios” “é dança,” “é física”. Alguns dados precisam ser revelados: certos alunos, especialmente os meninos, não aceitaram de início as atividades, alguns até riam, e caçoavam das atividades. Teve um deles que disse: “isso não é pra mim não, eu num vô fazer isso”. Quando estávamos vivenciando aquele momento, o autor da última fala, foi um dos que se mostrou mais interessado, indicando até mesmo novos movimentos para a turma. Todos estavam bastante motivados e quando terminamos, alguns colocaram que sempre tiveram vontade de praticar ginástica, mas nunca tiveram oportunidade.

A escola vai à universidade.

A escola também foi à universidade, a partir do convite para organizar e participar do Seminário Interativo Universidade Escola. O objetivo da experiência da escola na universidade era o de criar um canal de diálogos entre os saberes produzidos na universidade e a prática pedagógica da escola, de modo a favorecer a formação continuada e a formação inicial no debate sobre a Ginástica.

O Seminário Interativo Universidade Escola aconteceu no período de 26 a 28 de junho de 2008, na UEPA, campus III, na cidade de Belém-PA e contou com a participação de cerca de 170 professores, 20 acadêmicos do CEDF/UEPA e como palestrantes e ministrantes de oficinas as professoras Celi Taffarel, Dayse Barros, Elizabeth Paoliello e a Técnica da Seleção Brasileira de GR Mônica Queiróz.

A organização do evento científico, a cargo da equipe de acadêmicos das Disciplinas Fundamentos e Métodos da Ginástica e Ginástica Rítmica, ficou subdividida para algumas tarefas específicas. Assim, para o primeiro dia de evento, alguns ficaram responsáveis pelo credenciamento e outros para resolver os últimos detalhes do Seminário, como a confirmação de vôos das professoras, hospedagem e o deslocamento de materiais. A responsabilidade que nos dada de resolver os problemas que surgiram foi um ponto alto para nossa formação; “acredito que a maioria não tinha passado por essa experiência” (Um acadêmico).

O seminário se estruturou em três dias de atividades, iniciando com a conferência de Celi Taffarel sobre a organização da Ginástica na Escola: história, memória, necessidades e possibilidades. No segundo dia foi apresentada, aos professores do Estado, a possibilidade de participação em quatro oficinas as quais eram ministradas pelos discentes do CEDF/UEPA.

No primeiro dia de evento, quando tivemos o contato inicial com os seminaristas, havia uma tensão e ansiedade em todos nós. Apresentamos as atividades que seriam desenvolvidas, organizamos uma mística para o início dos debates e a professora Celi Taffarel apresentou a conferência de abertura: “Organização da Ginástica na Escola: história, memória, necessidades e possibilidades”.

No segundo dia de atividades houve a realização de 4 oficinas: Ginástica “Alegria na Escola”; Ginástica e Materiais Alternativos; Ginástica pra quê? Ginástica aonde?; e Ginástica Rítmica no Contexto Escolar. O grupo da organização ficou subdividido por oficinas. A oficina da professora Celi Taffarel, que ministrou “Ginástica Alegria na Escola” é resultado de um projeto que investiga o trabalho

pedagógico nas escolas, sua organização, o trato com o conhecimento, objetivo-avaliação e tempo e espaço pedagógico. Isto é a partir da crítica à escola e à formação de professores e o trato com o conteúdo ginástica. Busca responder a seguinte problemática: “Como é tratada a ginástica nas escolas públicas, qual é a realidade concreta em que ela está inserida e quais as possibilidades de alterar, significativamente, a cultura pedagógica, considerando a perspectiva crítica superadora do ensino da Educação Física?” Assim, a professora buscou dialogar com os professores para alguns procedimentos metodológicos e bases científicas para suas práticas na escola, além de expor a conjuntura onde a educação, educação física e ginástica estão inseridas.

Após as oficinas houve a “hora do papo” com Celi Taffarel, em que os professores das escolas públicas puderam levantar questões, tirar dúvidas e refletir sobre as experiências vivenciadas. Esse espaço foi organizado por uma professora da escola Palmira Gabriel e foi significativo, pois revelou as necessidades e possibilidades em que os professores da rede pública estadual do Pará trabalham e quais as suas expectativas de melhoria, além de indicar intervenções na realidade a partir de suas práticas, com exemplos de experiências da Professora Taffarel.

Ainda no 2º dia de seminário tivemos a apresentação de duas Mesas Temáticas. A primeira Mesa com a professora Elizabeth Paoliello, na temática “Ginástica para Todos” e com a Professora Dayse Barros, na temática “Ginástica Rítmica Memória e Tendências”. Nesse espaço, o grupo da organização também ficou subdividido. Uma das mesas intitulada “Ginástica para Todos” ministrada pela professora Paoliello, tratou da concepção Ginástica para Todos, apontando as possibilidades para sua vivência e construção em ambientes formais e não-formais, inclusive apresentando os festivais na Europa com essa modalidade de Ginástica de perspectivas inclusivas, em que pessoas de diferentes idades e condições físicas podem participar. Assim, foi possível indicar várias possibilidades da ginástica em diversos contextos, numa perspectiva da abrangência de um número grande de pessoas.

A segunda mesa temática contou com a participação da professora Mônica Queiroz, técnica da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica, que apresentou a temática “Escola de Treinadores: uma realidade possível”, que tratava da possibilidade de um curso de formação para técnicos em GR, além de apresentar suas experiências com o treinamento desportivo, apontado a perspectiva do treinamento de alto rendimento. Foi organizado pela professora da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, Núcleo Pedagógico Integrado, Ceres Carvalho, técnica de GR.

Em seguida foram feitas as Comunicações Orais, com trabalhos dos acadêmicos das disciplinas Fundamentos e Métodos da Ginástica e GR. Esse momento foi a produção científica dos discentes das disciplinas. Foram apresentadas as produções científicas: Ginástica Rítmica: por onde anda esse conhecimento no CEDF/UEPA?; Ginástica Rítmica: os caminhos de sua história no Colégio Santa Catarina de Sena; Memória da Ginástica Rítmica na escola de Aplicação da UFPA; Ginástica: conceitos e preconceitos; Ginástica e prática social: cidadania, inclusão e lazer na Vila da Barca; O ensino da ginástica aeróbica na escola por intermédio dos temas transversais e Ginástica na escola: um diálogo com o carimbó.

No terceiro dia aconteceram os Diálogos, com três temáticas: Diálogos Universidade e Escola, Diálogos Universidade e Projetos Sociais, Diálogos com Experiência do Alto Rendimento. Esses diálogos foram importantes, pois apresentaram a realidade da cidade de Belém nessas três perspectivas, e mantiveram uma dinâmica constante de troca de experiências, gerando uma série de questões e o apontamento das dificuldades e possibilidades para todos.

Os alunos da escola pública se aproximaram do espaço da universidade a partir de construções coletivas de demonstrações gimnicas, as quais foram construídas no encontro com o aluno da universidade ao encontro do aluno da escola pública, ou seja, de aluno para aluno. Essas construções aconteceram durante os encontros semanais no processo ensino-aprendizagem da disciplina GR em aulas na escola pública.

LEMBRANÇAS AVALIADAS ÀS ESPERANÇAS AVALIZADAS

não há mudança sem sonho
como não há sonho sem esperança
(Paulo Freire, 1992)

Lembrando dos primeiros contatos com a disciplina na universidade, vem à tona a discussão surgida em sala de aula que perpassava na desmistificação da GR que só era vislumbrada a partir de competições, para mulheres e excludente no contexto escolar. No decorrer das discussões da disciplina os conceitos e preconceitos de sua prática foram recontextualizados por meio de elementos teórico-metodológicos, superadores de uma prática apenas na academia, não voltada ao tripé de uma universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão.

A disciplina incentivou a produção científica na academia e construiu um outro olhar sobre o conhecimento da GR. Os acadêmicos ampliaram seus conhecimentos e seu compromisso com a sociedade, a partir de intervenções em sua própria prática e qualificação de sua formação profissional para além dos muros da universidade.

Após todos esses processos vivenciados na disciplina algumas falas significativas precisam ser destacadas, haja vista que esses sujeitos construíram esse momento histórico no CEDF/UEPA. O método utilizado foi o depoimento oral de alguns dos discentes e dos professores da escola Palmira Gabriel, dando foco para a questão: Qual a importância e o significado da disciplina de Ginástica Rítmica para sua formação profissional?

Por uma aproximação que a gente teve em fundamentos e métodos da ginástica, que fizemos um trabalho sobre GR que eu fui saber mais ou menos o que era ter um interesse. Mas a minha perspectiva sempre foi na ginástica rítmica escolar. [...] na aula, eu percebi que, não sei se é de acordo com a professora que ministrou ou é a ementa da disciplina, não sei como é que fica essa relação, mas ela foi de forma bem ampla não ficou aquilo reduzido só em ginástica esportiva como todo mundo coloca, que só quem pode fazer é quem tem flexibilidade, um padrão de beleza, uma postura [...] disciplina veio para estar desmistificando, para tirar essa visão de ginástica rítmica [...] (Discente de GR).

A fala destaca o que nós já expusemos ao longo deste artigo. Mas é pertinente ressaltar que a formação profissional depende não-somente da disciplina, do conteúdo, mas também do docente que a conduz, pois a mídia consegue alcançar com maior proporção tanto o futuro profissional quanto a comunidade em geral, por compreender

que a escola é um espaço onde a maioria da população pode vir a ser abrangida. E, para tal, o conteúdo da GR precisa ser elaborado numa pedagogia de intervenção proposta por uma metodologia que dialogue com a realidade vivida. No caso de nossa experiência foi perceptível constatar que a GR pouco é desenvolvida no espaço da escola; ainda é desencadeada na como esporte de rendimento. Outra fala, no contexto escolar, ela é vista como um método de construção coletiva; além desse fato, é relatada a ausência de experiência na graduação com a GR.

Isso veio fortalecer, não só a nossa metodologia, mas também, fortalecer nossa formação e mostrar novos métodos de como a Ginástica pode estar nos ajudando dentro da escola, dentro do contexto escolar [...] mas não só dela dentro do contexto escolar, mas como ela é fácil de ser introduzida de uma forma em que todos os alunos construam [...] (docente da escola Palmira Gabriel).

Outro ponto importante colocado foi quebra de paradigmas, onde só mulheres podem, e homens não, e também, a GR para o rendimento.

Eu tenho uma concepção de GR muito competitiva, desde que eu conheci a GR, do meu contato com ela, pra mim a Ginástica é competição, é resultado, é técnica muito voltada pro alto rendimento. [...] A gente teve a oportunidade de ir para a escola Palmira Gabriel e ensinar para meninos, por exemplo. A GR, todo mundo sabe, é uma atividade, mais para meninas, quando voltada para competição [...] (discente de GR).

Relembrando que é necessário uma formação acentuada na prática pedagógica em que os alunos sejam o eixo norteador da pedagogia inserida para o processo de ensino-aprendizagem. No nosso caso é possível evidenciar três pontos significativos. Primeiro, a disciplina foi desmistificada do seu estereotipo de competitividade pelo fato de ter na sua condução um docente que tem uma leitura dialética da Educação Física e isso emerge em autonomia, liberdade, criatividade e criticidade. Segundo, a questão de gênero foi algo notório e relevantemente descaracterizado. Terceiro, o desenho curricular da formação profissional se dá também com disciplinas eletivas e estas devem ser encaradas pelos discentes com dedicação, compromisso e, principalmente, construtores de conhecimento. Ainda sobre este assunto é importante acentuarmos que a formação profissional precisa ser experimentada numa pedagogia de intervenção edificada sobre a égide da tríade ensino, pesquisa e extensão.

Assim, diante de toda essa construção, entendemos que a GR tem grande sentidos e significados para a formação do profissional em Educação Física, uma vez que possibilitou um processo, dentro da universidade, que envolveu a pesquisa, a prática pedagógica e a articulação universidade escola. Nesse caminho, a GR não pode ser negada nem na escola e nem em qualquer outro contexto.

Apontamos que as soluções para os problemas, dificuldades e incertezas, no âmbito da disciplina de GR, sejam repensados, resignificados e construídas novas práticas que possibilitem um diálogo com a sociedade através de ações educativas que ultrapassem as práticas descontextualizadas.

Somente haverá esperança de mudança se forem oferecidas, aos acadêmicos e professores, condições para que tomem consciência de suas concepções e atitudes,

analisando-as criticamente na prática pedagógica. É preciso tomada de decisões e a construção de soluções por parte dos próprios acadêmicos e professores e não simplesmente a aplicação de soluções formatadas. Face ao exposto, é importante considerar que ensinar a GR, na formação inicial, exige que se utilize tratamento diferente, tanto em termo de organização, de sistematização e de aprofundamento teóricos com em termos metodológicos, e assim, superar as práticas da GR dominadoras-reprodutivistas.

Por fim, acreditar que “para aprender é mister pesquisar, elaborar, argumentar, fundamentar, questionar, refazer com mão própria” (DEMO in SHIGUNOV & MACIEE 2002, p. 75).

Em síntese:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (FREIRE, 1996).

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, R. S. A ginástica na escola e na formação de professores. Universidade Federal da Bahia. Tese de Doutorado. 2005.

BARBOSA, I. P. RINALD; SOUZA, E. P. M. de. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de licenciatura em educação física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v. 24, n. 3, 2003, p. 159-173.

BETTI, I.C.R. O prazer em aulas de Educação Física escolar: a perspectiva discente. Campinas: UNICAMP, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física, 1992.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MEDEIROS, M. Problemática de la Educación Física em las Escuelas Estatales de Goiás en el Interior de Brasil: una perspectiva de solución. La Habana: ISCFMF. Tesis de Doctorado. 2002

NÓVOA, A (Coord). Os professores e sua formação. 3. Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

NUNOMURA, M. Técnico de ginástica: quem é esse profissional? Campinas, 2001. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

OLIVEIRA, Amauri Ap. Bássoli. Metodologias emergentes no ensino da Educação Física. In: Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 8, n. 1, 1997, p. 21-27.

RINALDI, Ieda Parra Barbosa; PAOLIELLO, Elizabeth. Saberes ginásticos necessários à formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.29, p. 227-243, jan. 2008.

SHIGUNOV NETO, A. & MACIEE, L.S.B. (Orgs). Reflexões sobre a formação de professores. Campinas: Papyrus.

SOUZA, E. P. M. de. A busca do autoconhecimento através da consciência corporal: uma nova tendência. Campinas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

TAFFAREL, C. Z et al. Ginástica: alegria na escola bases teórico-metodológicos. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/>. Acesso em: em 11 de abril de 2009

ZEICHNER, K. M. Entrevista: Formação de professores: contato direto com a realidade da escola. In: Presença Pedagógica, Belo Horizonte: Dimensão, v.6, n.34, p. 5-15, jul./ago. 2000.

Carmen Lilia da Cunha Faro

Membro do NEPAEL, coordenadora da linha de pesquisa Esporte, Lazer e História

Docente da Universidade do Estado do Pará

Endereço: Conjunto Marex, Rua Vitória, nº 66, Bairro: Val de Cans, Belém-PA, CEP: 66617-040.

CV: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4737440Z0>

Emerson Araújo de Campos

Professor de Educação Física

Endereço: Av. Zacarias de Assunção, Pass. Bom Jesus, nº 227, Bairro: Centro, Ananindeua-PA, CEP: 67030-250

CV: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4252324D2>

